



DOSSIÊ TEMÁTICO

ÁFRICAS NA PÓS-GRADUAÇÃO



A sessão *Áfricas na Pós-Graduação* apresenta resultados de pesquisas de Mestrado e Doutorado recém-concluídos cujas temáticas, linhas de abordagem, procedimentos metodológicos e/ou contribuição teórico-conceitual são considerados relevantes. Mariana de Oliveira Santos, pesquisadora convidada neste número, desenvolveu uma pesquisa de mestrado intitulada “Práticas espaciais organizadas em rede: Um estudo sobre as mulheres imigrantes da África subsaariana na metrópole do rio de janeiro.”

Mariana de Oliveira Santos

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Contato: os.marianaoliveira@gmail.com

160



Como citar:

SANTOS, M.O. Áfricas na pós-graduação. Entrevista de Mariana de Oliveira Santos. **Boletim GeoÁfrica**. v. 3. n. 10. p. 160-164, abr.-jun. 2024.

Sobre a pesquisadora: Bacharel e licenciada em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2020), Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2023). Graduanda em Direito pela Universidade Veiga de Almeida. Durante a graduação em Geografia, atuou como pesquisadora no Programa de Iniciação Científica PET (2016-2020), como mediadora na Rede Municipal Pública de ensino (2019) e como professora de Geografia nas redes pública e privada.

Atualmente, atua como assistente jurídica no setor privado. E atua como pesquisadora em Direito na subárea de Direito Internacional Público e Privado, com interesses em migração, sistema financeiro internacional, criptomoedas e bitcoins.

Dissertação de mestrado: “Práticas espaciais organizadas em rede: Um estudo sobre as mulheres imigrantes da África subsaariana na metrópole do rio de janeiro.” SANTOS, M.O. (2023). Dissertação apresentada ao Departamento de Geografia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro em cumprimento aos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Mestre em Geografia.



Sobre a dissertação de Mariana de Oliveira Santos....

A dissertação de mestrado consistiu em uma análise da inserção das práticas espaciais da mulher migrante africana no seu processo de inserção no mercado de trabalho da metrópole do Rio de Janeiro. Para corresponder a tal análise, a dissertação foi dividida em três capítulos, cada um abordando um tema referente à pesquisa, com embasamento teórico e prático. Nessa perspectiva, o primeiro apresentou os conceitos de fenômeno migratório, o contexto do processo de migração feminina, o segundo discutiu o mercado de trabalho migrante na metrópole à luz da teoria dos dois circuitos da economia urbana do geógrafo Milton Santos e o terceiro discutiu os métodos utilizados para a pesquisa bem como os resultados obtidos. Foram utilizados como métodos de pesquisa, entrevistas realizadas com estas mulheres em diversos bairros da metrópole carioca, além de uma leitura aprofundada em bibliografias que dialogam com o tema em questão.

Qual a relevância da pesquisa?

A migração é um fenômeno imanente a história da humanidade. Desde a Antiguidade é possível de se encontrar registros de indivíduos em deslocamento. De acordo com Lussi (2013), na Bíblia, o termo “migrante” não é utilizado, ao invés dele, utiliza-se o termo “estrangeiro” / “estranho” que faz referência a indivíduos que estavam em constante ameaça. Na Grécia Antiga, considerada por muitos estudiosos como o berço da civilização ocidental, os migrantes também não passaram em branco. Os “metecos”, como eram denominados aqueles que não nasciam na cidade de Atenas, eram migrantes que advinham de outras cidades da Grécia e até mesmo de fora do país. Na atualidade, diversos pesquisadores se debruçaram sobre a terminologia “migração”. Vianna (2017), ao falar sobre questões semânticas que envolvem o fenômeno migratório, afirma que “as palavras *migrante*, *imigrante/emigrante*, *imigrado/emigrado* definem um estado, uma situação, um momento de um processo” (VIANA, 2017). Estudos clássicos migratórios de pesquisadores como Ravenstein (1880), Sjaastad (1962), Everstt Lee (1980) e Zelinsky (1971), Singer (1976) enquadram aspectos gerais, preocupando-se com aspectos macroeconômicos e microeconômicos da migração, comprovando que, os membros da família que migravam não eram



analisados em sua individualidade. Apenas recentemente, as mulheres, aos poucos, passaram a ganhar protagonismo no que diz respeito às decisões migratórias.

Ao se pensar a partir desta perspectiva de gênero, pode-se compreender que as construções culturais que desencadeiam nos papéis esperados de serem interpretados por homens e mulheres socialmente, expõe, dentro dos estudos migratórios, que a mulher, na verdade, não exercita sua individualidade ao decidir migrar. Na prática, isso significa dizer que ela é uma acompanhante de seu grupo familiar, sendo incluída no processo de migrar como se não houvesse uma escolha. Quando se acrescenta a este fator “gênero”, a questão racial, principalmente, no Brasil, o debate torna-se mais denso. Segundo Stuart Hall (2013), a raça seria um dos principais conceitos nos quais a sociedade se organiza quando se pautam diferenças. Ao abordar sociedades coloniais, caso desta pesquisa, Fanon (2008) coloca que o processo de dominação e colonização foi pautado em uma violência massiva, uma vez que, um dos principais objetivos deste processo foi destituir a população preta de “seus valores, sistemas de referência e panorama social” (FANON, 2008, p. 38).

Dito isto, esta pesquisa surge com o objetivo de restituir esses valores destituídos da população negra através desse sistema opressivo conhecido como colonialismo. Para tanto, parte-se da premissa de que a trajetória de mulheres imigrantes africanas perpassa um processo de reinserção em uma nova territorialidade que ocorre de modo complexo em vários níveis de análise. Em primeiro lugar, a inserção da mulher no mercado de trabalho formal é demarcada por um processo histórico de desigualdade de gênero à nível mundial, desse modo, a busca por práticas sociais alternativas de circunscrever suas espacialidades acaba ocorrendo por meio do mercado informal, ou, a nomenclatura que irá ser adotada para este trabalho, do circuito inferior da economia como proposto por Santos (1979). Notadamente, essas mulheres africanas no papel de agentes sociais buscam, por meio, principalmente, da venda de acessórios de artesanato, do trançamento de cabelos e de pratos culinários de seus países de origem, concretizar suas ações e produzir novas territorialidades que se organizam segundo uma lógica reticular. Como apresentado anteriormente, a análise de gênero e raça servem como instrumentos de se pensar as construções sociais, do que se espera de determinados sujeitos quando em sociedade. Sendo o colonialismo um sistema que deixou marcas em diversos países, o processo dentro dos meios acadêmicos, atualmente, é o de trazer de volta as histórias omitidas dessas populações, é o de se fazer conhecer



o continente africano, desmistificar estigmas pré-concebidos e abraçar as igualdades que nos unem a esses povos.

Qual o objetivo que norteou a pesquisa?

A pesquisa teve como objetivo geral investigar o porquê das práticas espaciais, desenvolvidas por mulheres migrantes da África Subsaariana, estarem sendo difundidas em circuitos inferiores da cidade do Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, de forma mais específica, buscou-se investigar quais são as práticas espaciais desenvolvidas por mulheres africanas na cidade do Rio de Janeiro, quais são as estratégias espaciais utilizadas por essas mulheres para difundirem suas práticas espaciais e, por fim, identificar as redes de solidariedade formadas por mulheres migrantes africanas na cidade do Rio de Janeiro e listar quais seriam suas principais características.

Quais foram os principais resultados da pesquisa?

A pesquisa teve como metodologia a realização de entrevistas e a utilização de dados secundários obtidos através do SISMigra, do Registro Nacional Migratório da Polícia Federal e da CONARE. A partir da combinação desses métodos, compreendi que os desafios enfrentados por estas mulheres no Brasil passam, em grande medida, pelo reconhecimento de seus conhecimentos adquiridos em outro país. Dito isto, considero que ao utilizar “conhecimento”, não restrinjo a terminologia ao conhecimento acadêmico. De fato, algumas mulheres durante as entrevistas relataram possuir formação em nível técnico ou superior em seu país de origem ou no Brasil, e, mesmo assim, não conseguem obter emprego em suas áreas de formação. Em contraponto, o conhecimento não provém apenas de estudos técnicos-científicos, há muito saber que é compartilhado entre as pessoas e que é rentável no mercado de trabalho do circuito inferior da economia. Como, por exemplo, o trançado dos cabelos realizado por trancistas africanas que foram entrevistadas nesta pesquisa. Isto posto, coloco que, há uma ausência de validação dos saberes, tanto técnicos quanto “informais”, por isso, estas mulheres seguem trabalhando em circuitos inferiores da economia urbana carioca.



No que diz respeito ainda a temática das migrações, foi uma grata surpresa perceber que aquilo falado por Truzzi (2008) sobre a decisão migratória estar sendo baseada em informações de imigrantes que percorreram o mesmo fluxo migratório que ele pretende ter sido comprovado em campo. Das mulheres entrevistadas, todas haviam recebido alguma influência de parentes e amigos que já residiam na cidade do Rio de Janeiro, sendo, em grande maioria, de parentes colaterais: tios, tias e primos. No tocante a pesquisa, é interessante observar o componente emocional desse fluxo migratório, visto que esses laços prévios não deixam de ser laços emocionais constituídos entre estes indivíduos.

Quais foram os principais obstáculos enfrentados ao longo da pesquisa?

O principal e maior obstáculo enfrentado durante a realização da pesquisa, sem sombra de dúvidas, foi a ocorrência da Pandemia de COVID-19 decretada em março de 2020. A impossibilidade de sair de casa nos primeiros dois anos de pesquisa dificultava muito a realização de trabalhos de campo e de entrevistas que eram os pontos cruciais para a realização da pesquisa. Além disso, a combinação de dados primários e dados secundários foi outra dificuldade enfrentada na parte final da pesquisa. Os dados primários, muitas vezes, apontavam para um caminho mais amplo do que os dados secundários. Coube a mim filtrar as informações obtidas nas entrevistas para utilizar apenas as que fossem de estrita relevância para a pesquisa.